

WANDER ANTUNES



DEPOIS QUE O
DIABO
FOI EMBORA
E OUTROS CONTOS
VIOLENTOS E
VULGARES

Noir

DEPOIS QUE O
DIABO
FOI EMBORA
E OUTROS CONTOS
VIOLENTOS E
VULGARES

COLEÇÃO **PROSA** NOIR # 2

Edição: Gonçalo Junior
Projeto gráfico: André Hernandez
Ilustração de capa inspirada no trabalho do mestre Saul Bass
Impressão e acabamento: Bartira Gráfica

Editora Noir
Praça da Sé, 21 cj 410
CEP 01001-000
São Paulo – Brasil

editoranoir.com.br
facebook.com/editoranoir
@editora_noir
contato@editoranoir.com.br

© 2018 Editora Noir – Todos os direitos reservados
Permitida a reprodução parcial de texto ou de imagem,
desde que citados os nomes da obra e do autor.

N14

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

A636 Antunes, Wander
Depois eu que o diabo foi embora / Wander Antunes - 1.ed. – São
Paulo: Editora Noir, 2018.
128p.; 21cm

ISBN 978-85-93675-19-5

1. Literatura brasileira. 2. Retórica. I. Título.

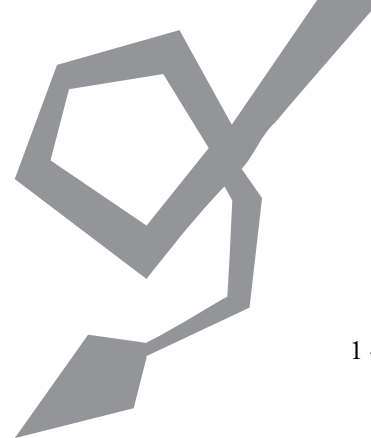
CDD B869.1 (22.ed)
CDU 869.0(81)-1

1ª impressão: inverno de 2018



ESTE LIVRO É DEDICADO AO DIABO,
UM AMIGO DE INFÂNCIA.

MINHA DIREÇÃO



Introdução	7
1 – Depois que o Diabo foi embora	9
2 – A Baleia	13
3 – Na praça	21
4 – Cinco homens, quatro mortos e um vivo	25
5 – Dois iguais e outros bem parecidos	31
6 – A vontade de Deus	37
7 – Logo será noite outra vez	43
8 – Um patriota	49
9 – Cabaço	53
10 – Matador de gavião	57
11 – Tempestade sobre a montanha	61
12 – Serviço de profissional	67
13 – Fulano, beltrano e cicrano	71
14 – Testemunho	75
15 – Por que mataram Leonardo Rosa	79
16 – Brevíssima história das religiões	85
17 – Companheiros de viagem	89
18 – Medo	95
19 – Domingo	99
20 – Sozinho	101
21 – Um problema	107
22 – Defunto é o chato que não vai embora nunca	111
23 – Adeus, Nova Jerusalém	117

MINHA INTRODUÇÃO

O Diabo, os pistoleiros e as prostitutas fazem parte da minha infância. Começemos pelo Sem Nome. Eu cresci com ele. O Diabo vivia em minha casa, nas histórias contadas por minha avó paterna. Soube dele bem antes de conhecer gente como Fantasma, Mandrake e Tarzan, com os quais me dava bem melhor do que com o Gramulhão.

Os pistoleiros também estavam muito próximos. Aquele senhor que passava todos os dias diante de casa, dando bons dias e boas tardes a todos, era matador de ofício. Todo mundo sabia que ele matou fulano, matou cicrano, matou beltrano e esse e mais aquele. Mas, e daí? Ou por medo ou por admiração, todos respondiam ao seu cumprimento: Bom dia, seu Rosa. Como vai, seu Rosa?

Pistoleiros não iam lá em casa, obviamente, deles eu apenas ouvia falar.

E havia as prostitutas, nem tão próximas quanto eu gostaria. Muitas. Mas essas eu só fui conhecer de perto bem mais tarde – mas aí já é uma outra história – e se elas aparecem mais rapidamente neste livro é porque as histórias contadas aqui, salvo uma ou outra, ou foram ou se parecem com as que eu ouvia lá em casa e ali as putas não eram assunto cotidiano. Que pena.

WANDER ANTUNES

1

DEPOIS QUE
O DIABO

FOI
EMBORA

O Diabo foi embora. Cansou dessa gente, de nós todos, eu acho, e foi negociar almas em outra freguesia. Faz tempo que ele se foi, nem dá mais para sentir aquele cheiro de enxofre que ficava aqui no tempo dele. Foi embora do jeito que veio, sem alarde. Num dia, estava; e, no outro, não estava. E aí foi a nossa ruína.

Nos bons tempos, quando ele estava no meio de nós (Deus me perdoe falar assim) o camarada ia lá, vendia a alma pro Chifrudo e dava jeito na vida: enricava, tomava a mulher do outro, se era fraco ficava forte, se era feio ficava bonito. Quando morria, descia direto pro inferno, caía no caldeirão e aí era a danação eterna. Era a conta a pagar.

Mas, antes... Ah, mas, antes! No tempo em que vivia, a criatura prosperava que era uma beleza, acordava com gerente de banco na porta de casa querendo emprestar dinheiro pra ele, comprava barato e vendia caro, semeava no meio das pedras e colhia a melhor safra da região.

E empregava. Dava emprego para essa gente toda. Geralmente explorava, tratava o vivente pior que bicho, mas, no que prosperava, precisava de braço para plantar, precisava de braço para colher. E se o emprego não trazia felicidade (longe disso) pelo menos matava a fome do infeliz.

E, assim, todo mundo ia vivendo, uns mandando e outros obedecendo, que é como parece que tem que ser e é como é – e azar de quem duvida e se metia a querer mudar as coisas. Foi assim até o dia em que o Sem Nome foi embora.

Agora é essa ruína toda. Não tem mais patrão, não tem ninguém com o chicote na mão, agora é todo mundo igual, tudo miserável, está todo mundo passando fome junto. Um vai lá e dá um tiro no outro, arromba a casa do outro e o que é que tem lá dentro? Não tem nada, o outro estava pior do que ele.

E não adianta ficar pedindo socorro a Deus, que esse nunca estendeu a mão para ninguém por aqui, a coisa melhorou muito para uns e um pouco para outros depois que o Diabo veio dar com os costados por aqui, que o Gramulhão não é de se fazer de desentendido, se o camarada vai até ele e propõe negócio, ele faz negócio com o camarada.

Deus é diferente, Deus parece que é surdo, não sei se é!, só sei é que Ele nunca deu jeito em nada e nem ajudou ninguém por esses lados. Sorte que o Diabo olhou para esse canto, veio para esse fim de mundo e acudiu o povo daqui, deu jeito na vida do povo daqui e foi ficando, comprando uma alma aqui e outra ali e por esse tempo foi dando para tocar a vida.

Mas, o acontecido é que passou um tempo e o Diabo começou a botar sentido que estava pagando pelo que já era dele. Na certa o Sem Nome, que não é bobo e nem nada, pensou assim: Mas e a alma dessa gente vai para o céu? Então, a alma desse bando de fornicadores, de mentirosos, de pelegos, de ladrões, vai para outro lugar que não seja o inferno?

Pensou, pensou de novo, passou uma semana ou duas comprando a alma de um e de outro. Mas, aí, já oferecia um quase nada por elas, já não animava com o negócio. O camarada achava que sua alma ainda valia alguma coisa, pedia terra, pedia mulher, queria dinheiro, mas quando muito saía da negociação levando um nadinha mais do que tinha.

E como se a coisa já não estivesse ruim, uma noite qualquer o Diabo deu de andar pela cidade, nem suou a camisa, que aqui é lugar pequeno, e foi na casa de um e foi na casa de outro – ninguém notou, que ele devia de estar invisível –, e o que ele viu, a nossa podridão, a nossa safadeza, fez ele perceber que estava dando boa vida para quem não merecia, pagando caro pelo que não tinha valor.

E, aí, ele se foi e a cidade ficou do jeito que você está vendo, essa pasmaceira, essa falta de rumo. Foi bom para o pastor, que agora o povo está enchendo lá a igreja dele, esperando sei lá que milagre, mas daquele mato não sai coelho. Já te falei que Deus é ruim de negócio, então, não te falei?

Minha sorte é que na noite em que o Diabo foi embora eu estava sem sono e então vi para o lado que ele foi, tem uma vilazinha praqueles

lados e aposto e ganho que a vida anda prosperando por aquelas bandas. Amanhã bem cedinho eu vou atrás dele.

Numa dessas, dou sorte e encontro um patrão enricando, precisando de braço para plantar, de braço para colher, de pistoleiro para dar fim nos inimigos dele. Eu só espero que o Sem Nome não tenha percebido que o povo de lá é ainda pior que o povo daqui, senão eu não sei como é que vai ser.

Que se o Diabo for muito exigente, duvido que tenha o que comprar, vai andar o mundo inteirinho para terminar descobrindo que o melhor que ele faz e voltar para o inferno e sentar lá no trono dele e ficar esperando por nós todos, só esperando. O dia em que isso acontecer vai ser a nossa ruína, vai ser um Deus nos acuda.

Só que Deus não acode, entende?



O cheiro de sangue lhe invade as narinas, adocicado, enjoativo. Apanha o maço de cigarros, é difícil para ele, o corpo dói a cada movimento, leva um deles à boca. Cadê a droga do fósforo? Não está no bolso, deve ter caído durante a luta. Puto, cospe o cigarro pra longe.

Merda! Merda! Merda!

A gordona, quem diria, deu mais trabalho que o marido. O sujeito morreu fácil, acontece quando se leva um tiro no meio da testa, mas, com a patroa, foi diferente. Onde é que ela estava mesmo? Vai saber, caiu em cima dele e foi logo metendo a faca. Incrível ainda estar vivo.

Mas está, ô se está!, que morto não sente tanta dor. E não vai morrer também, que se fosse já teria empacotado. Ô mulherzinha filha de uma puta, meteu-lhe a faca sem pena nem dó. O marido lá, caído, o sangue desenhando uma flor na testa dele, e ela não estava nem aí, enfiando a faca, enfiando a faca, enfiando a faca.

Deu um trabalho do cão tirar a cretina do cangote. Experimenta tirar um boi de cima de você pra ver se é fácil. Boi não, perdão, vaca! Alho. Antes da facada ainda deu pra sentir o cheiro de alho, muito alho. O almoço ia ser bem temperado. Um vampiro não passava perto da casa nem por decreto.

Deixasse a gorda continuar a lhe enfiar a faca e virava rapidinho um defunto bem temperado. Meteu chumbo nela. E ia fazer o que mais, pedir receita de bolo? Descarregou as outras cinco azeitonas naquela montanha de carne e torceu pra ela empacotar e, olha que coisa incrível!, ela morreu mesmo.

Ele não, ele ainda está vivo. É bom estar vivo. Ah, mas que a coisa não saiu como o previsto não saiu mesmo. Era pra chegar na casa, fazer Dionísio e voltar pra receber a grana. É bom estar vivo, mas que deu merda deu.

Fodido! Fodido! Fodido!

Sair da casa não vai ser fácil, ficar de pé não vai ser fácil, andar não vai ser fácil. É preciso tentar. Ai! Ui! Aiaiai! Uiuui! Dói muito, dói pra cacete. Se conseguir sair, e pra isso terá que passar por cima da vaca enorme estendida entre ele e a porta, vai precisar de ajuda, não vai dar pra dirigir nesse estado.

Fodido! Fodido! Fodido!

E o carro está longe pra caralho. Deixou longe da casa pra Dionísio não se ligar. Muito longe, longe demais. E o celular ficou lá dentro, esqueceu ou achou melhor não trazer com ele, vai saber. Putamerda, tem que sair da casa e no meio do caminho tem uma vaca morta enorme cheirando a alho.

Vai ser difícil, vai ser muito difícil.

Está de pé agora, mais ou menos, se agarrou em alguma coisa e aprumou. Agora é ver se dá conta de andar. Dói, dói, dói pra cacete. E ainda tem essa montanha de carne no meio do caminho. Uma baleia!! Se bobear, Jonas ainda está aí dentro.

Minha senhora, tu armou pra cima de mim, tá sabendo? Me ferrou bonitinho. Decide escalar a montanha flácida, que o jeito é passar por cima. Nem pensar em arrastar prum canto ou algo assim. Não sem um guindaste! Aí se apoia na mesa e tenta, de um só passo, saltar a mulher de Dionísio.

Um passo maior do que a perna esse, desaba sobre a falecida. É uma queda macia, menos mal, fedendo a suor e alho, mas bem macia, justiça lhe seja feita. Vai ter que ser de outro jeito, agarra com força as carnes gordas, frias e ensanguentadas e vai subindo, subindo... Depois, impulsiona o corpo e vai deslizando bem devagarzinho pro lado de fora da casa.

Tchau, gorda!

Agora, ficar de pé não lhe parece tão difícil quanto parecia quando estava lá dentro. Pronto! Um último olhar pro interior da casa e vê, caído debaixo da mesa, seu revólver. Merda! Merda! Merda! Pensa em digitais ou algo assim, se desespera pensando que terá que voltar e pegar o treizoitão. Mas se lembra que está no Brasil e que na certa o policial que a encontrar irá, com a mais absoluta certeza, esconder pra vender depois.

Relaxa. O negócio é dar o fora, vazar. O carro está longe. O sol dá o ar da sua graça, quente, matador. Ele se dá conta que até então não fazia tanto calor, o sol estava escondido atrás de umas nuvens. E como se fosse pouco ainda tem fumaça, muita fumaça de queimada no ar. A cabeça começa a doer, muita luz, muito calor, muita fumaça.

E o carro lá longe, na puta que pariu. Será que dá pra chegar até ele? E, aí, ligar pra alguém, precisa de socorro, não tem como dirigir desse jeito. Não tem mesmo. Pior, não tem como ficar de pé debaixo desse sol. Não é só um modo de dizer, não tem mesmo. Ele cai, uma queda nada macia agora.

E, aí, percebe que pode morrer sim, que está muito fraco, que perdeu sangue demais. Maldita baleia! Gorda filha de uma puta! De pé, outra vez. No chão outra vez. Não vai dar pra chegar até o carro, não debaixo desse sol.

Volta engatinhando pra casa, pra junto de Dionísio e da baleia, pra sombra. Agora tem sede, dessas insuportáveis e inadiáveis. Não tem outro jeito, torna a escalar a baleia, abrindo caminho por entre a nuvem de mosquitos que se formara em volta dela.

Sede, muita sede.

Está dentro da casa agora. Primeiro, apanha a arma (algum policial acaba de perder uma graninha extra) e depois vai até a moringa. Um copo... Cadê um copo, caralho? Encontra o copo. Começa a despejar a água da moringa dentro do copo. Mas, então, por conta de uma inesperada campainha de celular, se assusta e deixa a moringa cair. A água escorre pelo chão de terra batida e some num segundo.

Merda! Merda! Merda!

O celular continua tocando. Cadê? Cadê? No bolso da calça de Dionísio. Alô? Se arrepende no minuto seguinte. Pra que foi atender a ligação, cacete? Por sorte, ela está uma merda e do outro lado nem percebe que não é Dionísio. Tamo indo praí, a gente chegamos lá pelas sete, tá ligado?.

E desligam, ou caiu, vai saber. Putamerda! Quem vai passar aqui? Na certa gente que seu empregador também gostaria de ver morta e enterrada. Um outro qualquer que andou lhe roubando alguma coisa. Não importa, agora é ligar e pedir pra alguém vir apanhá-lo. Mas quem?

Pereira! Isso, Pereira lhe deve uns favores. Qual é mesmo o telefone de Pereira? Tem cabeça ruim pra números, o de Pereira está na memória do seu celular, que está no carro, que está longe... De cabeça